



ISSN: 2230-9926

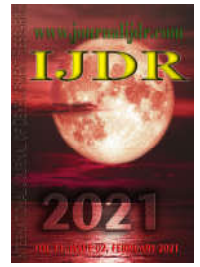
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 02, pp.44343-44345, February, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21132.02.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

MEMÓRIA, TRAUMA E IMIGRAÇÃO NA NARRATIVA DE FILIAÇÃO AZUL CORVO, DE ADRIANA LISBOA

*Margareth Torres de Alencar Costa

UESPI-UFPI, BRAZIL

ARTICLE INFO

Article History:

Received 21st December, 2020

Received in revised form

14th December, 2020

Accepted 08th January, 2021

Published online 24th February, 2021

Key Words:

Chave: Narrativa de filiação;
Memória e trauma; Azul corvo.

*Corresponding author:

Margareth Torres de Alencar Costa,

ABSTRACT

O objetivo deste estudo é promover uma reflexão sobre o romance *Azul corvo*, de Adriana Lisboa, pertencente às “narrativas de filiação”, assim denominadas por Dominique Viart na década de 1990, considerando que este romance narra a história de Evangelina, uma garota de 13 anos que viaja do Rio de Janeiro aos Estados Unidos, onde vive com seu padrasto à procura de seu pai biológico.

Copyright © 2020, Margareth Torres de Alencar Costa. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Margareth Torres de Alencar Costa, 2021. “Memória, trauma e imigração na narrativa de filiação azul corvo, de adriana lisboa”, *International Journal of Development Research*, 11, (02), 44343-44345.

INTRODUCTION

Natural do Rio de Janeiro, Adriana Lisboa iniciou sua trajetória literária como tradutora, mas foi ao efetivar seus estudos de mestrado em Literatura brasileira e doutorado em Literatura comparada pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) que nasceu o gosto pela pesquisa e, daí em diante, começa a produzir romances. Em 1999 publica *Os fios da memória*, mas é com *Sinfonia em branco* (Rio, Rocco, 2001) que foi reconhecida como uma grande escritora. Esta obra foi publicada em vários países, como por exemplo: Portugal, Itália, EUA, Alemanha, França, Itália, Turquia, Croácia. O livro, *Sinfonia em branco* (2001) rendeu-lhe o prêmio José Saramago em 2003. Além deste livro, Adriana Lisboa publicou outros textos literários e recebeu muitos prêmios, como por exemplo: *Um beijo de colômbina* (2003), *Rakushissha* (2007), *Azul-corvo* (2010), *Hanôí* (2013), além de várias poesias, contos, livros infantis, coletâneas e antologias.

Marco teórico: *Azul-corvo* insere-se no gênero da escrita de si. Evangelina, que ao relembrar os espaços de recordação de sua infância e adolescência, já se encontra na vida adulta e retorna ao passado de sua infância para resgatar sua identidade e, nesse ir e vir, avalia a personalidade enigmática de sua mãe através das lembranças encobridoras de seu nascimento, revelando a sensação de deslocamento experimentada por ela e analisa como é sentir-se estrangeira em um país de cultura diferente, seja através da vida dura

e sem perspectivas que Fernando leva, seja através de suas próprias conjecturas. A escrita de si é um gênero literário que caracteriza narrativas em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como sendo o autor, o narrador e o personagem que narra sua história, mas vive situações que podem ser consideradas ficcionais. Antes destas situações serem consideradas ficcionais, Lejeune (2008, p.14), denominava como sendo: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, enquanto focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” Já Costa (2020) firma que escrever sobre si é pôr a si mesmo a nu diante dos outros e que não é fácil pôr o seu eu em banho maria, distanciar-se de si mesmo e narrar-se a si mesmo. De alguma forma, você cai na subjetividade porque escolhe as palavras que serão ditas sobre si, volta ao texto várias vezes e faz ajustes, borrões que comprovam ser esta escrita uma autoficção. Para Doubrovsky (1977), autoficção é uma narrativa baseada na verdade e, ao mesmo tempo, um procedimento que nasce da invenção, ou seja, é uma ficção. A autoficção é uma narrativa própria da escrita de si na qual o autor tende a ficcionalizar sua própria história. São romances autobiográficos baseados em fatos, episódios, memórias, testemunhos, relatos que o autor, ao se ficcionalizar, lança mão de técnicas narrativas nas quais o leitor possa identifica-lo como autor/narrador/ personagem e que lhe permita dizer que não é ele quem está ali, reflexo da realidade contemporânea em todas as suas possibilidades de espelhamento possíveis, na contemporaneidade. Não precisa nem mesmo que ele seja o personagem principal, basta que se coloque em algum canto do romance, como se fosse um

espelhamento de si que já caracteriza esta ficcionalidade de si mesmo no texto. Doubrovsky (1977) surge como uma tentativa de responder a uma pergunta feita por Lejeune na quarta capa de seu livro *O pacto Autobiográfico*, escrito em 1975. As biografias, autobiografias, narrativas de testemunho, cartas, diários e relatos de vida apoiam-se na memória. Ao Ele responde da seguinte forma: “Autobiografia? Não. [...] Ficção de eventos e de fatos estritamente reais; se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à da linguagem, sem a sabedoria e sem a sintaxe do romance, tradicional ou novo.” tentar evocar, recordar, lembrar e recuperar dados que presenciamos ou que nos aconteceram estamos tratando de definir o que seja Memória. Corroboramos com Izquierdo (2018) quando ele afirma que toda aquisição, formação, conservação e evocação de informações são denominadas de memória porque só se grava aquilo que foi aprendido. Assim Izquierdo (2018, p. 1) explica que “O acervo de nossas memórias faz cada um de nós ser o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico. [...] e também somos o que queremos.” Vanja lembra que a vida nos Estados Unidos não era fácil: “Talvez aquela mulher nos lembrasse que é preciso fazer cerimônia com o mundo, que isto aqui não é de brincadeira, que isto é coisa séria e perigosa, e que o simples gesto de pisar no chão já te confere uma responsabilidade inimaginável.” (LISBOA, 2014, p. 12). A memória está presente em todo tipo de atividade mental que realizamos e no que diz respeito à literatura é uma marca registrada principalmente em se tratando de escrita de si. Evangelina, ao narrar sua vida e sobre sua família, vai desmembrando as teias da solidão, dos medos e das características que fizeram de seus parentes mais próximos pessoas enigmáticas confirmando o que Izquierdo (2018, p.1), explica sobre o exercício de lembrar: “Nosso cérebro recorda quais são as memórias que não quer trazer à tona, e evita recordá-las: as humilhações, por exemplo, ou as situações profundamente desagradáveis ou inconvenientes.

Em *Azul corvo*, Lisboa (2014, p.19) baseia-se na adolescente que tem sempre um interesse em saber o que há por trás das relações com sua família e descobre que seu pai biológico era americano, que a mãe havia rompido relações com ele e havia se mudado para o Novo México levando a filha do casal com ela: Minha mãe gostava de romper relações com os homens e desaparecer de suas vidas. A tendência foi inaugurada ali, com meu avô geólogo.” Com a morte da mãe, Vanja encontra um meio de viajar para os Estados Unidos e procurar seu pai. Esta tendência vem de bem longe. Desde Freud, quando, aos 17 anos faz uma viagem à sua terra natal e, em correspondência a um amigo, narra histórias que teria vivido, e às quais teriam a ver com suas desconfianças sobre sua família. A memória e a melancolia são marcas constantes da jovem personagem principal de *Azul corvo*. Evangelina faz amizade com Fernando, um ex-guerrilheiro, fechado, triste e desiludido, que surpreendentemente decide ajudar a garota a encontrar o pai. Evangelina era “uma filha que falava inglês na escola, português em casa e espanhol com os vizinhos” (LISBOA, 2010, p. 96), situação que nos remete à diáspora moderna, através da qual a menina terá a oportunidade de conviver com outras pessoas, imigrantes de vários países. O que significa ser imigrante em um lugar e cultura diferente da sua? Os leitores de *Azul corvo* se dão conta de que Vanja se sente deslocada nos Estados Unidos. Em suas recordações, visualizamos uma adolescente, quase criança, saindo de sua antiga vida para enfrentar o desconhecido: (Ibid, 2014, p.13) “O ano começou em julho. [...] o ano começou semanas antes, quando Fernando telefonou. Naquele dia, eu já estava com a minha única mala pronta”.

A mudança de ares, de seu lugar, sua terra, que ela considerava extremamente linda, não é um momento feliz, e sua mente, seu corpo e seus hábitos teriam de mudar para poder se acostumar com a nova realidade que havia sido escolhida por ela mesma, na tentativa de buscar os fios que a ligavam ao passado de seu nascimento. Ela ficava muito incomodada com a falta de humidade, o calor seco que ressecava a pele e adoecia os pulmões, e Fernando dizia para ela que eles acabavam se acostumando com aquela vida sem nexos. “Em Copacabana, Rio de Janeiro, havia baratas, amendoeiras, mosquitos, maresia, pombos. [...] Em Lakewood, Colorado, havia coelhos, cães-de-pradaria, corvos. Igrejas. Super Target. McDonald’s” (Ibid, p.15).

O Rio de Janeiro era sua casa, sua pátria, seu lugar. Para Seligmann-Silva (2003, p. 53), a memória, assim como a língua, com seus atos falhos e silêncios, não existe sem a resistência. É nessa tensão, entre memória e esquecimento, que a narrativa se constrói: “A memória só existe ao lado do esquecimento: pois um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve”. Portanto, os silêncios e os esquecimentos, provenientes do trauma, são ícones relevantes de manipulação da memória coletiva. A respeito dessa conexão entre experiências pessoais e coletivas, Cândido (2006, p. 57), ao discorrer sobre a criação literária, afirma que ela não pode “ser desligada do contexto, — isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência”. Seguindo esse mesmo pressuposto, Halbwachs (2006) também afirma que o sujeito é um instrumento das memórias do grupo, mesmo quando está rememorando sozinho. Não se identificando com o coletivo, não ocorreria o processo de rememoração. Ou seja, o indivíduo é uma configuração múltipla, engendrada na intersecção entre diversas forças sociais. Vanja explica como seu imaginário criava a imagem do avô: “Eu imaginava meu avô com um chapéu de caubói, vendendo seus conhecimentos de geologia para as empresas de exploração de petróleo no Texas. E um dia sendo picado por uma cascavel mortífera chamada *Crotalus atrox*. Ele tinha um paletó azul e uma faixa de gordura na nuca.” (Ibid, p.23).

Evangelina, ao emigrar para os Estados Unidos, percebe que está por sua própria conta, o sentimento que a menina experimenta deixa-se notar porque segundo Izquierdo (2018, p. 2) “O conjunto das memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser. Um humano ou animal criado no medo será mais cuidadoso, introvertido, lutador ou ressentido, dependendo de suas lembranças específicas, mais do que suas propriedades congênitas.” A identidade dos povos, dos países e das civilizações, de acordo com Izquierdo, (2018, p.3): “as noções de nação, nacionalidade e cultura nos fazem desenvolver atitudes de pertencimento ou não”. Vanja sentia que o Rio de Janeiro era o seu lugar: “Antes, em Copacabana, havia: biquínis minúsculos. Bundas de fora. Uma ou outra mulher passando água oxigenada nas pernas para alourar os pelos. (Ibid, p.13). A adolescente já sentia que a vida como imigrante em um país que não é o seu, era muito perigosa. Muito observadora, percebia os detalhes ao comparar as pessoas nas piscinas públicas dos Estados Unidos com os cariocas nas praias do Rio de Janeiro. “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.” (HALBWACHS, 1990, p.51). Costa (2020), em seu texto *Soror Juana Inês de La Cruz: eu vim para dizer não e paguei o preço de minha ousadia*, aponta para uma necessidade de testemunho íntimo como meio de refletir sobre o vivido, e, quem o faz, promove uma reflexão sobre os desdobramentos da escrita de si, o testemunho, as memórias, as cartas, os diários como um mecanismo que permite ao indivíduo expor a história de sua existência através do exercício da subjetividade. “Minha mãe aprendeu formalmente o inglês na escola. Com os tejanos, informalmente, o espanhol. E eu aprendi as duas línguas com a minha mãe”. (Ibid, p.19). Baktin, (2003), afirma que há a vontade de expor sua vida para que os outros leiam e o vejam como um herói que, mesmo traumatizado, narra suas desditas para que os leitores o vejam como um herói sofrido e passem a amá-lo. O trauma é uma palavra que veio dos estudos psicanalíticos, provém do grego e etimologicamente significa ferida e do verbo furar, ou seja, caracteriza dor física ou moral. Esta concepção influenciou Freud no início de seus estudos e de acordo com os estudos efetivados por Laura Barbosa Campos em seu texto *Clémence Boulouque: a narrativa de filiação como escrita do trauma*, expôs que “foi a partir da Primeira Guerra Mundial, pela observação dos soldados e sobreviventes do conflito, que Freud escreve o texto: *Além do princípio do prazer*, onde tenta dar conta dos traumatizados da guerra.” (CAMPOS, 2017, p.681).

O romance *Azul corvo*, pertence a narrativa de filiação, na qual o personagem principal fala de si, ficcionaliza sua história, mas as marcas da bastardização, do trauma, melancolia, sofrimento familiar e solidão são mais marcantes neste gênero textual da

autoficcionalidade. A narrativa de filiação teve sua origem nos estudos de Dominique Viart (2008), que expõe algumas características que o configuram como um dos desdobramentos da escrita autobiográfica. Laura Barbosa Campos em seu artigo, *A escrita do Trauma em clémence Boulouque e Delphine Vigan*, afirma que foi no final do século XX que surgiu a modalidade específica de autobiografia, denominada pelo teórico Dominique Viart de narrativas de filiação, onde geralmente a história se centra iniciando por algum trauma experienciado pelo narrador(a) da história. De acordo com Viart “O relato do outro – pai, mãe ou tal antepassado – é o desvio necessário para chegar a si, para se compreender nessa herança: a narrativa de filiação é um substituto da autobiografia.” (VIART, 2008, p. 80). Sendo a autoficção um gênero híbrido, uma vez que se situa entre a escrita autobiográfica e autoficcional, cujo conceito teve sua raiz no livro *Fils* de Serge Doubrovsky. *Azul-corvo* é um texto literário pertencente ao gênero da escrita de si que traz em seu interior a subjetividade que o caracteriza como sendo uma autoficção: “Talvez aquela mulher nos lembrasse que é preciso fazer cerimônia com o mundo, que isto aqui não é de brincadeira, que isto é coisa séria e perigosa, e que o simples gesto de pisar no chão já te confere uma responsabilidade inimaginável.” (Ibid,p.12).

Então, um dia, Susana, a mãe de Vanja, decide lhe contar um segredo. E este segredo consiste em saber que sua mãe vai morrer. “Vanja tem onze anos. Suzana, trinta a mais. Num saquinho de papel se embaralham nomes e palavras: Albuquerque, Copacabana, Londres, Araguaia, LIFE. IS. GOOD. Amazônia Colorado Guerrilha. Texas. Namorado Americano Lugar Nenhum.” (LISBOA, 2014, p. 32) Em *Azul corvo*, porque Vanja teve de enfrentar a doença da mãe, sua perda e, logo em seguida, separa-se de seu padrasto e vai em busca de seu pai biológico. Corroboramos com Noronha (2014,p.1) quando ela fala sobre autoficção: “[...]O duplo ali projetado se torna um personagem fora do comum, perfeito herói de ficção, que ninguém teria a ideia de associar diretamente a uma imagem do autor”. Nesse sentido, a escrita de filiação, comporta rupturas, segredos de família e figuras parentais ausentes e outras recorrências que se inserem na obra *Azul corvo*. Noronha (2014,p.122) nos adverte em seu livro que o fato de o autor tomar a si próprio como personagem de sua história já está apontando para uma ficcionalização de si mesmo. “Toda biografia, qualquer que seja sua “sinceridade”, seu desejo de “veracidade”, comporta sua parte de ficção”. A retrospectiva de sua vida, dos fatos ligados à minha vida e que me foram narrados pelos membros de minha família ou mesmo encobertos por eles, faz que uma pessoa se questione se suas lembranças são histórias que teme contar ou são fatos verdadeiros. Viart e Vercier (2008,p. 28) afirmam que: “Cuidamos de nós mesmos, estamos mais interessados em nós mesmos do que no mundo exterior, recontamos a nós mesmos”.

Em *Azul Corvo*, a adolescente tem sempre um interesse em saber o que há por trás das relações com sua família. Ela mesma nos adverte que todos na família não gostam de falar de suas vidas, os leitores da obra só vão saber os nomes da família de Evangelina depois de muitas páginas, quando ela mesma decide nos contar. “Maria Gorete e Abner foram os pais de criação de Elisa e os pais, pais-mesmo de Suzana, minha mãe. Foram meus avós-mesmo, embora eu não os tenha conhecido”. (Ibid,p.23) Os resultados obtidos apontam uma narrativa de ficcionalização de si onde o trauma, a memória e a volta ao passado da infância mostram um gênero híbrido entre o romance e autobiografia, comprovando que estas narrativas não podem mais ser vistas como escrita autobiográfica, e sim autoficcionais, na medida em que o ser fragmentado busca construir sua identidade através do resgate da memória e ao mesmo tempo curar o trauma sofrido, todas as recordações mostram as marcas da subjetividade.

REFERÊNCIAS

- BAHKKTIN, Mikail. Estética da Criação Verbal. 4ª Ed. Martins Fontes – São Paulo: 2003.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: Ditos e Escritos V. Traud. Elisa Monteiro e Inês D. Barbosa. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2004.
- HALBWACHS, Maurice (1877-1945). A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- IZQUIERDO, Ivan. Memória. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LISBOA, Adriana. Azul corvo [recurso eletrônico] / Adriana Lisboa. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. recurso digital NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org). Belo Horizonte,:UFMG, 2014
- SILVA, Mauricio. Ensaio sobre autoficção, Matraca, Rio de Janeiro, n. 42, Set./dez de 2017.
- VIART, Dominique & VERCIER, Bruno. La literatura française au presente: , modernité, mutation. 2ª ed. Paris: Bordas, 2008.
- VINCENT COLONNA. L'autofiction, assai sur la fictionnalité de soi en littérature. Linguistique. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), 1989. Disponível em <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00006609/document>>. Acesso dia 25/10/2020.
